

DOSSIÊ
HISTÓRIA E MÍDIAS

**Origem e evolução do jornalismo colonial peruano
no século XVIII: A *Gazeta de Lima* (1744)**

Alexandre Budaibes*

Resumo:

Este artigo apresenta um breve panorama sobre o jornalismo na América Latina, dando ênfase ao vice-reino do Peru no século XVIII. É analisada a importância da *Gazeta de Lima* (1744), segunda publicação da América sob esse nome, documento fundamental para melhor compreensão da história peruana no período colonial.

Palavras-Chaves: Jornalismo; *Gazeta de Lima*; Período Colonial.

Abstract:

This article presents a brief overview about journalism in Latin America, giving special emphasis to the Viceroyalty of Peru in the eighteenth century. Thus, it will be analyzed how important was, in the aforementioned location, the *Gazeta de Lima* (1744), a second publication under this name which was founded in the Americas and how this is an useful document for better understanding of Peruvian history in the colonial period.

Keywords: Journalism; *Gazeta de Lima*; Colonial Period.

* Mestre em História pela UNESP/Franca e professor da rede estadual de ensino de São Paulo.

Alexandre Budaibes

O jornalismo é um meio de difusão de informações e está relacionado com a transmissão ou divulgação de notícias, podendo adotar como forma a descrição de feitos pontuais ou a formulação de comentários sobre os acontecimentos. Em sua origem, a transmissão podia ser pública ou privada, inclusive secreta. Enquanto não havia a possibilidade de fixar por escrito algo que era necessário comunicar aos outros, e quando era desejado e de interesse efetivo difundir uma notícia, se recorria aos pregoeiros que iam aos territórios dizendo em voz alta, tornando público tudo o que se queria informar.

Para Rocío Oviedo y Pérez de Tudela (1980, p. 167), o jornalismo responde fundamentalmente a uma atitude humana: a curiosidade existente tanto no autor como no leitor e o desejo do primeiro de comunicar e fazer partícipes aos demais daquilo que motivou seu interesse e emoção, baseando-se, portanto, em pressupostos de origem literária.

Ao nos referirmos aos antecedentes do jornalismo e da comunicação social, podemos dizer:

A comunicação social existiu sempre porque se trata daquelas fórmulas em que as sociedades as criaram para codificar primeiro e transmitir depois princípios básicos de sobrevivência e identificação, para numa segunda fase, justificar primeiro e manter depois a organização do poder. Por isso, identificada com a religião ou com a guerra ou com a política ou com a projeção de imagens e moedas ou com a arte e o teatro ou com manifestações populares, é fácil rastreá-la desde as origens mesmo de todas as sociedades humanas (ÁLVAREZ, 2004, p. 25, Tradução Nossa).

Dessa maneira, faz-se necessário reconstruir os acontecimentos e fatos importantes na história do jornalismo do Peru que ocorreram durante o período em que a segunda *Gazeta de Lima* (1744-1776) foi publicada. Neste sentido, escolheu-se fazer esta reconstrução por meio deste periódico que se constituiu num instrumento fundamental para que se pudesse compreender a história colonial no vice-reino sul-americano.

Foi escolhida a segunda das quatro publicações que receberam o nome de *Gazeta de Lima* (1715, 1744, 1793 e 1798) porque esta foi a primeira publicação peruana estável, que, além de ter o papel de precursora

das publicações jornalísticas no Peru, serviu de forma imprescindível para que se tivesse um conhecimento do século XVIII. Além disso, se olharmos desde uma perspectiva jornalística, a *Gazeta de Lima*, que foi um dos mais antigos jornais da América do Sul, pode ser considerada como expressão típica das publicações do seu tempo.

Dentre os jornais que levaram o nome de *Gazeta de Lima*, os dois primeiros tiveram apoio dos vice-reis. O terceiro foi uma publicação nova e independente dos anteriores, com características e propósitos diferentes dos antecessores, pois se limitou, segundo Alberto Varillas Montenegro (2008, pp. 103-104), a aproveitar o nome e passou a ser considerado no império espanhol equivalente a uma “publicação oficial” ou, quando menos, “oficiosa”, já que respondia aos interesses do vice-rei Francisco Gil de Taboada (1790-1796). Pouco se sabe a respeito da quarta *Gazeta de Lima*, o que se conhece é que esta apareceu em 24 de maio de 1798, sendo a última do século XVIII, e estendeu a sua publicação até 1804 ou talvez até as primeiras semanas do ano de 1805 (MONTENEGRO, 2008, p. 108).

Frequentemente se relaciona o início do jornalismo no mundo moderno com o surgimento da imprensa. No entanto, quando a invenção de Gutemberg (1456) começou a se difundir pelo Velho Mundo, já havia aproximadamente dois séculos que a Europa dispunha de um sistema de coleta de informações que, apresentadas ordenadamente, eram proporcionadas como notícias, a quem pudesse interessar-se por elas. De acordo com Montenegro (2008, p. 15), na realidade, o emprego de correspondências como meio de informação deve remontar-se a muitos séculos atrás; no entanto, tratando-se de um meio de informação privado, a cujo conteúdo o público não tinha acesso, logo não se enquadrava dentro do conceito de jornalismo.

O material informativo que foi utilizado para a elaboração destes noticiários provinha de comunicações oficiais de diversas origens: administrativa, militar, religiosa etc., ou mesmo de cartas pessoais e de informações avulsas redigidas por viajantes e peregrinos. Estes materiais costumavam não ser extensos, já que as cópias que circulavam eram todas

manuscritas, o que obrigava o redator a apresentar as notícias em forma concisa. Segundo José Antonio Benítez (2000, p. 19): “As notícias manuscritas, que chegaram a ser muito numerosas no século XV, não podiam considerar-se como jornais, mas indubitavelmente foi um passo necessário e imprescindível para a impressão deles”.

Se pensarmos o continente americano antes da chegada dos espanhóis, devemos saber que nas sociedades pré-colombianas existiam sistemas de comunicações muito importantes. Em relação ao Peru, de acordo com Enrique Ríos Vicente (1994, p. 467), a civilização inca usava uma maneira de memorização para recordar por meio de um instrumento fabricado com cordas atadas com diversos nós, os *quipus*. Tal sistema de comunicação desapareceu quando os espanhóis abateram os *chasquis*, os mensageiros incaicos.

Para Franklin Pease García-Yrigoyen (2003, pp. 65-66), o processo de aculturação resultou ser uma forma de resistência. A colonização espanhola provocou notórias transformações culturais nos Andes. Muitas das dificuldades iniciais entre espanhóis e andinos foram possivelmente consequência da incompreensão que as versões orais andinas obtinham dos peninsulares.

Na opinião de Jacques Lafaye (1990, p. 237), as ações oficiais no terreno cultural não foram inteiramente repressivas, ao contrário, foram predominantemente criativas e estimulantes. Ainda que os sucessivos soberanos espanhóis tomassem, às vezes, medidas contraditórias que refletiam suas incertezas, a consistência dos objetivos perseguidos dava a essas medidas a aparência geral de uma política cultural coerente. Um dos objetivos dessa política foi a assimilação cultural dos índios, dado que a religião era a base espiritual e filosófica da cultura espanhola e que os membros do clero tinham o monopólio do cuidado e da educação dos índios.

Assim, pode-se observar que os espanhóis que estiveram no Novo Mundo, sobretudo os padres que trabalhavam nas missões para a catequização dos indígenas, sentiram necessidade de livros. Nas colônias, a imprensa, segundo Juan Gargurevich (1991, p. 24), sofreu um rígido

controle, já que “passariam séculos para que um *criollo* pudesse livremente se utilizar de uma prensa”.

De acordo com Ascensión Martínez Riaza e Jesús Timoteo Álvarez (1992, p. 21), no Novo Mundo, entre os séculos XVI a XVIII, o controle dos meios de expressão foi considerado prioritário e, desde o princípio, o sistema utilizou a imprensa a serviço de dois grandes propósitos: um político e o outro cultural. Para consolidar o aparelho administrativo à medida que a burocracia tornava-se mais complexa, se fez necessário contar com um instrumento adequado de difusão de documento oficiais para conseguir um mais rápido conhecimento e cumprimento das leis. Em segundo lugar, a imprensa serviu para uma mais eficaz transmissão dos valores que sustentavam a monarquia espanhola, convertendo-se em mecanismo de dominação cultural e ideológica.

O jornalismo foi um fenômeno urbano e seletivo. Na América espanhola colonial, as primeiras cidades que contaram com uma imprensa foram os centros político-administrativos (Cidade do México e Lima) e evangelizadores (missões guaranis do Paraguai ou Córdoba no Rio da Prata). No Peru, a imprensa chegou por intermédio do italiano Antonio Ricardo, que após receber uma sugestão do jesuíta P. Plaza de mudar-se do México para o vice-reino sul-americano, foi o primeiro a obter licença para ocupar a função de impressor em 1584. Em meados desse ano, apareceu em Lima o primeiro dos textos impressos, a *Pragmática sobre los diez días del año*.

Durante os séculos XVI e XVII, o mercado dos impressos era exíguo. As *hojas volantes* e os *noticiarios* foram as duas primeiras expressões do jornalismo colonial hispano-americano. As *hojas volantes*, também conhecidas como *relaciones*, surgiram no continente no México por volta de 1541 ou 1542. Essas publicações desempenharam um importante papel informativo, já que foram os únicos veículos de comunicação social. Elas não se repetiam em intervalos regulares, surgiam somente em ocasiões especiais, e se ocupavam, monograficamente, de narrar os acontecimentos mais interessantes, expostos às vezes de maneira exagerada (RIAZA; ÁLVAREZ, 1992, p. 32).

Portadoras de uma só notícia ou de algum fato de caráter religioso, político ou comercial, tais publicações levam à reflexão sobre a grande importância que a imprensa começou a ter para a rápida difusão de informações concernentes a um grupo de pessoas cada vez maior. No Peru, segundo Gargurevich (2006), as primeiras *relaciones* só puderam ser impressas em Lima depois de passar pela censura oficial e religiosa.

As mais significativas *relaciones* de que se tem notícia foram duas: uma de 2 de julho de 1594, com o motivo da derrota e captura do corsário inglês John Hawkins, quando o vice-rei encarregou Pedro Balaguer de Salcedo de escrever sobre o ocorrido; e outra datada de 1620, a *Relación de cosas notables del Perú*, redigida por Jerónimo Contreras, considerada por Antonio Checa Godoy (1993, pp. 17-18) a pré-história do jornalismo peruano, pois fez escola na cidade de Lima.

Já a segunda modalidade de jornalismo, os *noticiários*, eram boletins com informações de caráter internacional. Nestes impressos, havia notícias breves e numerosas, além de avisos publicitários, reproduzidos de outros impressos editados na metrópole. Estas publicações proporcionaram notícias relacionadas com guerras que ocorriam na Europa e material de interesse para o comércio local. A partir das Grandes Navegações e, conseqüentemente, dos descobrimentos e do começo da colonização espanhola no Novo Mundo, as publicações passaram a referir-se sobre esses episódios.

Devemos ressaltar que essas notícias chegavam deste lado do Atlântico com muito atraso, devido ao caráter lento do navio de aviso, que exercia a função de “correio da época”. Como no caso das *hojas volantes*, os *noticiários* não contavam com o “fator atualidade”, já que as notícias eram muito atrasadas e a maioria perdia vigência. Estes tipos de impressos evidenciam a necessidade que tinham os espanhóis que viviam na América de se manterem informados sobre o que ocorria no Velho Continente. Para eles era muito importante receber essas notícias para se sentirem incluídos na dinâmica europeia, apesar de estarem separados fisicamente.

No continente americano, com o transcorrer do século XVIII, quando as *relaciones* e *noticiarios* não mais cumpriam seus objetivos iniciais – noticiar as necessidades da administração, do governo e o desenvolvimento cultural – apareceram as *gacetas literarias*¹ e os *mercurios*, que surgiram para cobrir uma série de necessidades locais que as antigas publicações, por seu caráter internacional, não contemplavam. Da mesma forma, como no caso das *relaciones*, o México foi também o pioneiro nesse tipo de publicação.

Segundo Vicente (2004, p. 469), as *gacetas* suporiam um passo decisivo no mundo informativo colonial, exigido em parte pelo jornalismo exterior, como a *Gaceta de México y Noticias de Nueva España* (publicada de janeiro a junho de 1722), que surgiu como fruto do ambiente próprio da ilustração. Ilustração esta que propiciava uma filosofia aristocrática da sociedade, pois a educação era um filtro seletivo que escolhia os melhores. Com isso, os centros superiores de ensino se privilegiaram e se renovaram muito à frente das escolas elementares nas que se aprendiam as primeiras letras.

Com o início do século XVIII, houve no Peru uma modificação da forma de disseminação de notícias. Esta propagação começou na oficina de José Contreras y Alvarado, a partir de 1715, com a reimpressão da *Gazeta de Madrid*,² tanto no México como no Peru, onde foi publicada sob o nome de *Gazeta de Lima*. Poucas são as informações sobre estes primeiros anos do

¹ Em Veneza e outras cidades italianas se vendiam publicamente, e muitos profissionais desta atividade ou deste sistema tinham nomes que iam desde os *novellanti* até os *reportissi* e os *gazzettanti*. Não se pode afirmar com exatidão, mas acredita-se que o vocábulo *gaceta* deriva precisamente da palavra italiana *gazetta*, uma moeda que era o preço dos *avissi* (BENÍTEZ, 2000, pp. 18-19).

² Informativo oficial que surgiu como publicação do governo espanhol no ano de 1661, circulando mensalmente; tempos depois, se converteu em semanal; a partir de 1778, começou a circular duas vezes por semana e, posteriormente, já como diário, passou a ser a *Gazeta Oficial*. O jornal foi uma publicação que obteve êxito devido à quantidade de informações importantes e atuais que continha: as notícias locais eram facilitadas pela autoridade constituída; as do exterior eram “troçadas” com outras publicações similares da França, Amsterdã, Bruxelas e Gênova.

Alexandre Budaibes

periódico, desta reimpressão se conhece somente um exemplar,³ que levou o seguinte título: “*Gazeta reimpressa en Lima: de las novedades más sobresalientes de la Europa, del mes de febrero de 1715*”.⁴

A única referência sobre a duração da primeira *Gazeta de Lima* de 1715, de acordo com Montenegro (2008, p.69), foi a proporcionada pela *Gazeta de México*, na qual foi mencionado, nas páginas do número de 1º de janeiro de 1722, algo sobre o periódico peruano, como pode-se observar na passagem abaixo:

A feliz duração desta Corte estreia seu terceiro século (da conquista do México) com o qual começa a dar às prensas suas memórias dignas de maior manifestação apontadas nestas *Gazetas*, pois imprimi-las é política, tão racional como autorizada de todas as Cortes da Europa, dando à Estampa as notícias que ocorrem no breve tempo de sete dias, pelo distrito capaz de seus domínios. Difundido, este costume chegou até a Imperial Lima, Corte célebre do Peru, e praticando esta plausível diligência, imprime a cada mês seus acontecimentos, e não sendo menos o muito Ilustre México, Coroa destes Reinos, começa a planejar esta política com as licenças do Excelentíssimo Senhor Marquês de Valero [...] (ROMERO, 1939, p. 52 apud MONTENEGRO, 2008, p. 69, Tradução Nossa).

Não se tem certeza do rigor mexicano, o qual, portanto, deve ser levado em conta com muita prudência, pois pode tratar-se simplesmente de uma frase de apoio do redator para com a publicação que com esse número iniciava sua vida jornalística. Entre 1715 e 1744, ocorreram intervalos durante os quais se deixou de reimprimir em Lima a *Gazeta de Madrid* ou em que esta esteve suspensa eventualmente.

Em um dos primeiros números da nova (ou quem sabe, reaparecida) *Gazeta de Lima* (1744), observa-se que o editorial do número 14 (1746)

³ O único exemplar de que se tem informação deste número da *Gazeta de Lima* se encontra na Biblioteca Nacional do Chile (MONTENEGRO, 2008, p. 68).

⁴ O número cujo título pertence foi reproduzido pela *Gazeta de Madrid* de 26 de fevereiro de 1715 e trata-se de uma publicação de quatro páginas. Bem provável que as informações contidas neste exemplar correspondam ao final de 1714 e começos de 1715.

parece mostrar que houve uma efetiva suspensão da *Gazeta* de 1715, mas que ela se deveu à falta de notícias:

A escassez de notícias que se experimenta nesta Capital, daquelas novidades, que todo bem considerado cabem na *Gazeta* é tanta, que não permite formá-la com suficiente corpo; principalmente depois dos repetidos avisos que nos enviaram, tanto de dentro como de fora, de desterrar dela alguns acontecimentos de pouco ou nenhum importe para as Províncias, ainda que de algum valor para os que vivem nesta Corte (ROMERO, 1939, pp. 52-53 apud MONTENEGRO, 2008, p. 70, Tradução Nossa).

Pelo momento, é necessário limitar-se a considerar que entre os anos de 1715 e 1744 puderam-se imprimir alguns números da publicação, hoje perdidos, sem que seja possível determinar sequer se e quando reapareceu, se é que sua reaparição teve lugar, e se ocorreu de forma periódica ou esporádica.

De acordo com Montenegro (2008, p. 72), sobre o título da publicação resulta insuficiente estabelecer uma relação de continuidade entre as *gacetas* de 1715 e 1744, tanto porque se desconhece quem foram seus redatores entre 1744 e 1762 quanto porque, com certa frequência, mudavam de oficina tipográfica.⁵ A identificação do encarregado da publicação oferece dificuldades, não há forma de estabelecer quem o foi entre os anos anteriormente mencionados.⁶ Para comprovar tal informação, há uma

⁵ Ao longo de 1744 editaram oito números, dos quais são conhecidos somente três, o primeiro, o quarto e o oitavo. Os mesmos podem ser consultados na edição digitalizada da *John Carter Brown Library*. O quarto número compreendeu as notícias entre 1º de maio e 30 de junho de 1744, e consta que foi editado, na *Imprenta de la calle de San Ildefonso*, sob responsabilidade de Antonio Gutiérrez Zevallos. O décimo primeiro número, correspondente ao ano de 1745, foi produzido na mesma prensa, mas sob a responsabilidade de Francisco Sobrino y Bados. Como a oficina ficou muito afetada pelo terremoto de 1746, Sobrino, a partir do ano seguinte, começou a editar obras na *calle de Barranca*. No obstante, o novo lugar em que se começou a editar a segunda série da *Gaceta de Lima* em 1749 foi a *Imprenta de la plazuela de San Cristóbal*, que estava sob responsabilidade de Francisco Echeverría y Borda. (THE JOHN CARTER BROWN LIBRARY, 1908, p. 5, Tradução Nossa).

⁶ Tudo indica que a confecção e venda do periódico oficial sempre estiveram circunscritas aos arredores do palácio do vice-rei. Mas, estes dados, segundo Víctor Peralta Ruiz (2007, p. 65) são insuficientes para conhecer o processo de produção,

Alexandre Budaibes

passagem que mostra a nomeação do primeiro redator de que se tem conhecimento, num número publicado em outubro de 1762:

No dia 25 de setembro, o Excelentíssimo Senhor Vice-rei em atenção às contínuas debilidades de saúde do sujeito que redigia a *Gazeta* nomeou ao Doutor Isidro Joseph Ortega y Pimentel, Catedrático de Método de Medicina, e médico do mesmo Excelentíssimo Senhor Vice-rei, para que se ocupasse dela, com a precisa condição de manifestar-se a impressão ante o Superior Governo; e que além dos privilégios, que tiveram seus antecessores, aproveite tal condição [...] (MONTENEGRO, 2008, p. 72, Tradução Nossa).

Passado o intervalo entre 1715 e 1744, no dia 18 de janeiro começou a circular a “segunda versão” da *Gazeta de Lima* na capital do vice-reino.⁷ O primeiro número do periódico limenho compreendeu os fatos ocorridos entre 1º de dezembro de 1743 e 18 de janeiro de 1744. Foi significativa a definição de notícia como resumo de novidades com que anotou o editor como marco de referência do papel oficial do vice-reino:

É a *Gazeta* uma breve história dos sucessos, em que imediata e progressivamente se divulguem as notícias. É um sumário das novidades, com que se estabelece, e cultiva a polícia das pessoas; resultando muitas vezes a comum utilidade desta política inventada; porque mediante ela circulam pelo corpo do mundo racional as notícias dos sucessos, e sem o custo das viagens, nem o afã dos correspondentes, se adianta o comércio das mais sobressalentes novidades (GAZETA DE LIMA, n. 1, 1744, p. 1, Tradução Nossa).

circulação e consumo deste periódico, já que se desconhece quem foram os editores ou diretores, nomeados pelo vice-rei, quantos exemplares foram impressos, os seus assinantes e em que lugares eram vendidos.

⁷ O artifice da publicação foi o vice-rei Marquês de Villagarcía, quem chegaria a ver a edição de doze números antes de entregar o mando ao seu sucessor, o Conde de Superunda, em 12 de julho de 1745. Este último prosseguiu a senda inaugurada pelo seu antecessor até o número 18, que incluiu as notícias de 13 de outubro de 1746. No entanto, o terremoto do dia 28 do mesmo mês obrigou a suspender sua edição por dois anos e quatro meses, correspondendo ao próprio Conde de Superunda a inauguração da segunda etapa com um exemplar sem número que continha as notícias até 24 de fevereiro de 1749.

Ao consultarmos a *Gazeta de Lima*, percebe-se que nos artigos não aparece a assinatura de um autor e que as notícias mereceram em alguns casos um breve comentário. Algumas notícias deveriam ter uma opinião do editor, mas parece que isso não ocorreu, pois as informações são meramente descritivas. Com a *Gazeta de Lima* de 1744, houve uma necessidade de publicarem notícias locais e assim o jornal cumpriu esse papel, com uma seção de conteúdos propriamente americanos, que compreendia as informações de um período de tempo específico, entre um mês e meio e dois meses.

A estrutura era uniforme, pois se mantinha uma seção que se ocupava de notícias da Europa – quase sempre espanhola – e outra com notícias de Lima, que incluía avisos comerciais e aparições de livros. Em geral, as notícias tinham a ver com diversos aspectos relacionados com as autoridades tanto eclesiásticas como do Estado nos respectivos centros, o que reafirmou a conexão estreita entre ambas as instituições. De acordo com Riaza e Álvarez (1992, p.42), além de manter os habitantes de Lima informados, a *Gazeta de Lima* cumpriu a missão de manter o sistema mediante o engrandecimento da vida de reis e nobres e da ação espanhola. [ver tabela na página seguinte]

Assim, o primeiro número dedicou seu conteúdo principal ao relato do sacrílego roubo do sol de ouro com pedras preciosas da custódia do Convento de San Agustín. O quarto número se concentrou na aurora boreal observada em Cuzco. O oitavo trouxe como notícia principal a epidemia de varíola que afetava a muitos setores da população peruana. Foi a partir do nono número, segundo Peralta Ruiz (2007, p. 66) que houve a inserção de notícias do Velho Continente. Isto foi anotado pelo décimo número da *Gazeta de Lima* mediante o seguinte comentário que abriu a seção *Noticias de Europa*:

Na antecessora Gazeta, publicaram notícias da Europa, as que julgaram mais apreciáveis e que permitiu a pouca extensão deste periódico. Na presente se participará o resumo de outras, com o ânimo de satisfazer aos curiosos que vivem em partes distantes desta corte, e não têm a facilidade nem a ocasião de ler os *mercurios* e demais publicações provenientes da Europa (GAZETA DE LIMA, n. 10, 1745, pp. 9-10, Tradução Nossa).

Alexandre Budaibes

TABELA 1 – CIRCULAÇÃO DA GAZETA DE LIMA DE 1744	
ANOS	EDIÇÕES
1744	Apareceram os primeiros oito números dos quais se conhecem quatro (1, 3, 4 e 8)
1745	Apareceram seis números (do 9 ao 14) mais um Suplemento ao 12. Os números têm entre 5 e 12 páginas; o Suplemento, 3.
1746	Apareceram três números (do 15 ao 19) e Suplementos ao 15 e ao 18. (Aqui se interrompeu a publicação da Gazeta... entre 13/10/1746 e 02/1749, o que se deveu sem dúvida ao terrível terremoto que destruiu totalmente Lima em 28/10/1746)
1749	Conhece-se dois exemplares: o primeiro, sem numerar, com notícias até 24/02/1749; e o segundo, que levou o nº 7, com notícias entre 08/09 e 27/10/1749.
1750	Apareceram os números 9 e 10, 13, e 14. Ignora-se o 15, que apareceu ao final de dezembro ou começo do ano seguinte.
1751	Conhece-se os números 16, 18, 21 e 22.
1752	Apareceram 6 números, do 23 ao 28.
1753	Conhece-se os números 31, 33, 34 e 36.
1754	Conhece-se os números 38 e 40 ao 44.
1755	Conhece-se os números 45, 47 e 49 ao 51.
1756	Aparece o nº 52, com notícias de 1º/01 a 16/02. Com este número, conclui-se a etapa anterior, que na atualidade não existe completa.
1756-1765	Iniciando uma nova série, com o nº 1 fechado em 1º/04/1756, apareceu por dez anos consecutivos publicado em forma fac-símil por José Durand (Berkeley, California) até o número que contém as notícias de 28/12/1765.
1766	Publicam os números do 22 ao 26.
1767	Publicam os números do 27 ao 30.
1768	Conhece-se o nº 31 (Notícias de 16/11/1767 até 15/11/1768).
1769	Precisa-se de informações sobre a publicação.
1770	Precisa-se de informações sobre a publicação.
1771	Conhece-se o nº 43.
1772	Conhece-se o nº 48, que por muito tempo acreditou-se ser o último.
1776	Conhece-se o número cujas informações cobrem desde 27/10 até 16/12.
Fonte: MONTENEGRO, Alberto Varillas. El periodismo en la historia del Perú. Desde sus orígenes hasta 1850. Lima: Fondo Editorial Universidad San Martín de Porres, 2008, p. 77.	

A miscelânea de informações que se relatou no décimo número é a clássica das *gacetas* e *mercurios*, como os nascimentos, matrimônios e falecimentos que acometiam as casas reais europeias; o estado da guerra motivada pelo problema da sucessão polonesa; e o enfrentamento entre Inglaterra e Espanha. No mesmo número, esteve incluído ao final uma “*Relación del combate visto desde el baluarte de Santo Domingo y de Torre de dicha ciudad de Cartagena entre un corsario francés y un inglés*”. A notícia destacava a captura em Bocachica de um bergantim inglês por um paquete francês reforçado por tropas da marinha espanhola.

Na opinião de Peralta Ruiz (2007, p. 77), o número com maior relevância, devido ao seu conteúdo político, foi a *Gazeta de Lima* de 14 de setembro de 1750, já que ela esteve integralmente dedicada a informar sobre a conspiração indígena de Lima e a sucessiva rebelião de Huarochirí. A importância desse número deveu-se à difusão rápida entre a população por conta da maior quantidade de exemplares que dele se editou, e também porque sua leitura não só foi um patrimônio dos assinantes, ou seja, se difundiu a viva voz em diversos espaços privados e públicos. A leitura desta *Gazeta de Lima* nas reuniões de salão, nos vestibulos da Plaza Mayor, nas cafeterias, nos armazéns e tabernas, etc., sem dúvida, teve um impacto similar aos romances, também difundidos oralmente, na confecção da memória coletiva de grande parte da população peruana.⁸

A principal função da *Gazeta de Lima* de 1744 era propiciar o conhecimento dos acontecimentos importantes – da mesma maneira que fizeram em seu momento as *hojas volantes* – e dar conta de uma série de leis e projetos que se aplicavam ao Novo Mundo, assim como

⁸ Os que leram as páginas da *Gazeta de Lima* ou conheceram o conteúdo dela ficaram convencidos de que a conspiração de Lima e a rebelião de Huarochirí foram uma prova da fortaleza terrena e divina da monarquia espanhola. Mas, também, interiorizaram que tal condição só foi possível em uma associação comunal de notáveis identificados por sua fidelidade e acatamento absoluto aos ditames da corte do vice-reino, em sua condição de única depositária da autoridade do monarca que governava desde Madri (PERALTA RUIZ, 2007, p. 82).

da eleição das novas autoridades locais e outras atividades que formavam parte da vida cotidiana colonial.

Durante os anos em que foi publicada (1744-1776),⁹ a *Gazeta de Lima* esteve encarregada de manter informado o público da cidade de Lima com notícias locais – além das internacionais – que davam conta da saúde do vice-rei e do Arcebispo, detalhes de viagens, nomeações, festas religiosas, novidades das províncias (relacionadas à saúde), sobre terremotos, chegada e saída do correio para o interior e o movimento portuário, entre outros assuntos. Nesse sentido, o jornal se converteu em um meio eficiente para oferecer informações de todos os tipos, assim como comunicados oficiais de serviço público, não procurando, portanto, formar uma opinião pública, nem estabelecer um “diálogo” com a sociedade, já que esta somente apareceu como receptora da mensagem oficialista.

Diante disso, a *Gazeta de Lima* não pretendeu gerar uma resposta senão a de se limitar a simplesmente transmitir informações. Assim, podemos inclui-la dentro de um jornalismo oficial que refletiu, a sua maneira, aspectos da vida durante a colônia. O que se pode constatar é que a *Gazeta de Lima* hoje se constitui como um importante documento para a realização de estudos sobre o período colonial peruano do século XVIII, não só por suas notícias que ilustraram diversos acontecimentos, mas também por mostrar ao leitor o dia a dia daquele vice-reino.

A *Gazeta de Lima* – em comparação com as primeiras *hojas volantes* – manteve uma periodicidade. No entanto, percebe-se que apesar das notícias em geral abarcarem um período ao redor de dois meses, não existiu, todavia, uma dinâmica diária para a sua coleta, senão aquela de muitas vezes estar dependente do navio de aviso ou do correio que trazia as novidades destinadas à seção europeia do jornal.

Não se sabe exatamente quando desapareceu esta *Gazeta de Lima*. Segundo Ella Dunbar Temple, ao observar que o último número

⁹ Para maiores informações sobre a circulação da *Gazeta de Lima* de 1744, consulte a Tabela 1.

descoberto “não ostenta número de série”, estima-se que a partir desse momento, ou talvez antes, a publicação passa de periódica a eventual. Ainda assim, a autora se aventura em dar uma data para seu possível desaparecimento, como se pode ver na seguinte passagem:

[...] é evidente que já em 1790 não se publicava porque o editor do *Diario de Lima* expressava no prospecto desse periódico: “O doutor D. Cosme Bueno, *Cosmógrafo Mayor del Reyno*, escreveu (há poucos anos) uma *Gaceta*; mas não teve constância para sua duração, ou já porque os assuntos de que tratava não eram interessantes senão a uns poucos *vecinos*, ou o mais certo porque não encontrou (ainda nestes) o gosto que se propôs; mas em Lima (sem aumentar a data) desde seis anos a esta parte se encontra tão outra, tão ilustrada e tão bela em todos seus ramos que se desconhece aos olhos dos antigos moradores.

Esta citação do *Diario de Lima* comprova que a *Gazeta de Lima* não se publicava em 1790 e ofereceu, além disso, um indício de que tão somente seis anos atrás se suspendera esse órgão jornalístico oficial (TEMPLE, 1965, pp. 37-38 apud MONTENEGRO, 2008, p. 76, Tradução Nossa).

Por fim, inserida no vagaroso ritmo de produção e circulação dos impressos em meados do século XVIII, e apesar de o consumo de livros ter tido um relativo aumento, o significado da *Gazeta de Lima* foi relevante por ter formulado a restauração de um discurso da unanimidade num período de crise da autoridade do vice-reino.

Assim, desta importante publicação não se podia esperar mais do que chegou a oferecer. Talvez convenha recordar, nas palavras de Gargurevich (1991, p. 39), qual foi o objetivo da *Gazeta de Lima* e como este foi cumprido: “A *Gazeta* era, enfim, a testemunha da realidade do reino espanhol; e para os *criollos*, em particular, era a certeza de seu pertencimento a essa realidade”.

Essa impressão é decorrente porque, além de publicar as notícias locais e de além-mar, a *Gazeta de Lima* cumpriu com o objetivo de manter o regime mediante o enaltecimento da vida dos reis e nobres e da ação espanhola, por meio de uma difusão limitada principalmente à capital,

Alexandre Budaibes

excluindo as classes baixas. Isso se deveu, em grande parte, ao custo elevado que a publicação demandava e também à seleta recepção entre um público educado, que representava uma minoria no vice-reino.

Bibliografia

- ÁLVAREZ, Jesús Timoteo. Los medios y el desarrollo de la sociedad occidental. In: BARRERA, Carlos (coord.). *Historia del periodismo universal*. Barcelona: Ariel, 2004, pp. 25-40.
- BENÍTEZ, José Antonio. *Los orígenes del periodismo en nuestra América*. Buenos Aires: Lumen, 2000.
- GARCÍA-YRIGOYEN, Franklin Pease. *Historia Contemporánea del Perú*. México: FCE, 2003.
- GARGUREVICH, Juan. *Historia de la prensa peruana 1594-1990*. Lima: La Voz, 1991.
- _____. Perú, Medios del Estado y gobiernos. Recorrido Histórico. In: *UNIrevista*. v.1, n. 3, jul/2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Gargurevich.PDF. Acesso: 06/02/11.
- GAZETA DE LIMA (1744-1763). Lima: Imprenta de la Calle S. Ildephonso, 1744. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/gazetadelima00tern#page/n3/mode/2up>. Acesso em: 02/02/2011.
- GODOY, Antonio Checa. *Historia de la prensa en Iberoamérica*. Sevilla: Alfar, 1993.
- LAFAYE, Jacques. Literatura y vida intelectual en América española colonial. In: BETHELL, Leslie. *Historia de América Latina: América Latina Colonial: Población, Sociedad y Cultura*. Barcelona: Crítica, v. 4, 1990, pp. 229-261.
- MONTENEGRO, Alberto Varillas. *El periodismo en la historia del Perú. Desde sus orígenes hasta 1850*. Lima: Fondo Editorial Universidad San Martín de Porres, 2008.

- PERALTA RUIZ, Víctor. Prensa y opinión palaciega. La Gaceta de Lima de Villagarcía a Superunda (1744-1751). In: *Histórica*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, v. XXXI, n. 1, 2007, pp. 59-83. <http://132.248.9.1:8991/hevila/HistoricaLima/2007/vol31/no1/2.pdf>. Acesso: 11/06/2011.
- RIAZA, Ascensión Martínez; ÁLVAREZ, Jesús Timoteo. *Historia de la prensa hispanoamericana*. Madrid: MAPFRE, 1992.
- THE JOHN CARTER BROWN LIBRARY. *A facsimile of the first issue of the Gazeta de Lima with a description of a file for the years 1744-1763*. Boston: The Merrymount Press, 1908. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/facsimileoffirst00johnrich#page/n3/mode/2up>. Acesso em: 02/02/2011.
- TUDELA, Rocío Oviedo y Pérez de. Periodismo hispanoamericano de la Independencia y sus antecedentes. In: *Anales de la Literatura Hispanoamericana*. Madrid: Universidad Complutense, v. 9, 1980, pp. 167-185. <http://revistas.ucm.es/fll/02104547/articulos/ALHI8080110167A.PDF>. Acesso em: 13/02/2011.
- VICENTE, Enrique Ríos. El periodismo en Iberoamérica. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso. *Historia de la Prensa*. Madrid: Centro de Estudios Ramón Aceres, 1994, pp. 467-512.